

## HISTÓRIA E COTIDIANO NA TRAMA LITERÁRIA: estudos sobre a crônica

Regma Maria dos Santos (UFG/CAC)

*(...)Mas na manhã seguinte  
Não conta até vinte  
Te afasta de mim  
Pois já não vales nada  
És página virada  
Descartada do meu folhetim.”  
(Folhetim. Chico Buarque de Holanda)*

A música “Folhetim” de Chico Buarque de Holanda pode ser lida/ouvida como um marco dos tempos modernos. Relações efêmeras, que prometem prazer barato, meias verdades, exaltação das vaidades, podem se esvaír como fumaça na manhã seguinte.

Ao pretendermos estudar a crônica, não há senão outra descrição mais aplicada a esta que não a de *efemeridade*. Ligada ao folhetim, num espaço do jornal que é feito para durar apenas um dia, a crônica tal como a conhecemos hoje nem sempre ganha status de livro, o que a permitiria existir além do seu tempo radical. Mas, interessa-nos, neste texto, observar as ambigüidades deste termo e as várias concepções a ela atribuída nas diferentes áreas de conhecimento.

Recorrendo a mais comum das fontes, que é o dicionário encontra-se a seguinte definição de crônica:

{Do latim *chronica*} 1- Narração histórica, ou registro de fatos comuns, fatos por ordem cronológica; 2 - Genealogia de família nobre; 3- Pequeno conto de enredo indeterminado; 4 - Texto jornalístico redigido de forma livre e pessoal, e que tem como temas fatos ou idéias da atualidade, de teor artístico, político, esportivo, etc, ou simplesmente relativos à vida cotidiana; 5 - Seção ou coluna de revista ou de jornal consagrada a um assunto especializado: crônica política, crônica teatral. 6 - O conjunto das notícias ou rumores relativos a determinados assuntos; 7 - Biografia, em geral escandalosa, de uma pessoa. (FERREIRA, 1986, p. 502-3)

A partir destas possíveis definições, várias se embaralham e se somam tornando um pouco mais complexa a definição desse conceito. O texto jornalístico redigido de forma livre e pessoal, não poderia ser também uma narração histórica?

É desse pressuposto que se parte esta reflexão, ou seja, a história se faz no cotidiano.

De acordo com Edgar Morin, o paradigma cartesiano separa o sujeito do objeto, situando cada um destes, numa esfera própria, criando uma *disjunção* que determina conceitos soberanos. Morin afirma:

a não obediência a esta disjunção só pode ser clandestina, marginal, desviante. Este paradigma determina uma dupla visão do mundo, faz dele um desdobramento do mesmo mundo: por um lado, um mundo de objetos

submetidos à observação, experimentações, manipulações. Por outro lado, um mundo de sujeitos que colocam a si próprios problemas de existência, de comunicação, de consciência, de destino. (MORIN, 1992, p.196)

A separação entre sujeito e objeto, alma e corpo, espírito e matéria, sentimento e razão, qualidade e quantidade, existência e essência, história e cotidiano, é, pois, o resultado de uma prática que afeta o mundo contemporâneo, e tem reflexos não somente na forma como compreendemos o mundo, mas também como agimos nele.

Ao separarmos-nos do que vivemos objetivamente, deixamos de pensar nas marcas ali presentes de nossa subjetividade. Assim também é a história, desvinculá-la do cotidiano, é torná-la violentamente estéril.

Nesse sentido, volta a tona a idéia de que a concepção do termo crônica é complexo e múltiplo, exigindo esforços de percepção que contemplem essas características.

Procurando abrir ainda mais o leque conceitual sobre a crônica, encontramos, devido à sua pluralidade estudos de diversas áreas do conhecimento, e que apresentaremos aqui. Estudos nas áreas de história literária, crítica literária, comunicação social, lingüística, ciências sociais, história, serão elencados aqui com o objetivo de problematizar os pressupostos dos quais partem, e como podemos, a partir dessas referências, abordar especificamente como tratar a crônica na pesquisa histórica.

I

### **A crônica em suas múltiplas faces**

Os estudiosos das diversas áreas que pesquisam a crônica usam, como referência corrente, a dissertação de Wellington Pereira (1994) *Crônica - A arte do útil ao fútil*, transformada posteriormente em livro. O autor apresenta a tese que a crônica é um gênero independente, não podendo ser enxergada a partir de modelos literários ou jornalísticos.

Pereira parte do conceito da palavra crônica esboçado por críticos literários como Massaud Moisés, Afrânio Coutinho, Arrigucci Jr., Vitor Manuel de Aguiar e Silva, com o intuito de perceber a pluralidade dos discursos na crônica. Essa pluralidade é revelada na própria “origem” da crônica que habita o jornal impresso, na relação direta que mantêm com o folhetim.

Reportando-se ao século XIX, o autor elege como objeto de estudo as crônicas de Machado de Assis, com o objetivo de demonstrar que a crônica no espaço jornalístico consegue ultrapassar os limites da referência jornalística:

Machado de Assis sempre procurou fugir, em suas crônicas, das armadilhas retóricas do jornalismo de sua época. Na relação com o texto jornalístico Machado reforça a seguinte idéia: não basta ter um autor e um leitor, mas se faz necessário demonstrar as contradições histórico-sociais embutidas em cada nota de jornal. (PEREIRA, 1994, p. 60)

Pereira considera que não se pode deixar de observar que os textos do cronista Machado de Assis não estão fora do lugar. Na realidade Machado se aproveita dos desníveis de idéias para refletir sobre a organização social do Brasil no século XIX.

Para Pereira, Machado transforma a crônica num elemento de reflexão, elevando o repertório cultural dos jornais, criticando o vazio filosófico e cultural da sociedade brasileira que ainda se embevecia com a linguagem prolixa dos bacharéis. Machado buscou a maturidade estética da crônica, livrando-a da sombra do folhetim e de suas pretensões romanescas.

Encontramos nessa análise uma importante questão levantada por W. Pereira quando afirma que a crônica está sempre sendo estudada como algo inerente ao texto jornalístico. Segundo ele “na maioria das vezes, as crônicas - de quaisquer autores - são lidas apenas como matéria jornalística, que precisa alcançar o estatuto de livro para se ‘libertar’ da linguagem dos jornais.”(PEREIRA, 1994, p.98)

Nas considerações de Pereira, as crônicas de Machado de Assis não apenas renovam o aspecto lingüístico dos jornais, como também constroem informações que ultrapassam os limites do jornalismo opinativo.

Ao referir-se à crônica no jornalismo brasileiro contemporâneo, W. Pereira elege como objeto de estudo a produção de Carlos Drummond de Andrade. O objetivo desta análise é mostrar o cronista do século XX como um narrador que pensa o espaço de veiculação das informações, sistematizando-as através da utilização de recursos lingüísticos que são exteriores ao universo da linguagem jornalística.

Para Pereira, Drummond é antes de tudo um leitor do espaço jornalístico, sendo considerado o cronista do jornalismo do século XX por excelência. Utilizando-se da poesia, Drummond conceitua a prática jornalística: “O poético torna opaca as transformações do texto jornalístico, empresta-lhe diversos significados que redundam no prazer estético do leitor/decodificador e em várias formas de se relacionar com o fato.”(PEREIRA, 1994, p. 129)

W. Pereira considera que Machado de Assis amplia os significados das crônicas partindo de uma leitura dos enunciados do jornal no século XIX. O cronista contemporâneo Carlos Drummond de Andrade parte de uma leitura do espaço que a crônica ocupa no jornal, verificando os diversos campos semânticos da informação o que permite estabelecer uma nova ordem conceitual, tornando o enunciado jornalístico portador de um conteúdo estético.

Nas conclusões finais do livro Wellington Pereira define a crônica no espaço jornalístico: “como uma narrativa estética que tem independência estética e pode inscrever várias linguagens em seu espaço gráfico, não se limitando apenas aos preceitos da literatura ou do jornalismo.”(PEREIRA, 1994, p.150)

Outro livro bastante interessante no qual a crônica é, também, objeto de reflexão foi escrito por Beatriz Resende: *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmento* (1993). Procurando romper com os cânones Resende escolhe os textos que só recentemente vem merecendo tratamento crítico, ou seja, as crônicas jornalísticas e os escritos de intimidade de Lima Barreto. Nesses textos, o autor apresenta uma visão ampla da cidade e de seus representantes sociais: presidentes, ditadores, deputados e senadores, militares, honestos ou

desonestos doutores, moças, funcionários públicos, meninas do subúrbio, poetas, músicos, aposentados, donas de casa, vagabundos, bêbados, loucos. (RESENDE, 1993, p.25-6).

Interessada pelos temas da modernidade e cidadania e sua representação literária na criação de Lima Barreto, a autora parte do contexto e das idéias presentes no Rio de Janeiro da Primeira República.

Num outro momento, Beatriz Resende afirma que os cronistas entram na literatura ocidental na Idade Média com o objetivo de registrar pela escrita a memória dos tempos. Mas esclarece: “A crônica de que tratamos aqui, é a que ressurgiu no século XVIII, indissociavelmente ligada à imprensa, seu veículo de divulgação e, portanto, em uma relação direta com o público.” (RESENDE, 1993, p.58)

Utilizando como referência teórica as reflexões que Walter Benjamin desenvolve em seus textos *O Narrador* e no livro *Origem do Drama Barroco Alemão*, Beatriz Resende propõe ser a crônica uma expressão alegórica, que se opõe ao símbolo e se despe de elementos puramente edificantes e enigmáticos, transformando-se em escrita a ser compreendida, como Benjamin se refere à dimensão profana da escrita alfabética que se opõe ao valor sagrado dos hieróglifos.

A alegoria, desta forma, aparece como ruptura entre os gêneros. Nas palavras da autora: Identificamos, pois, a crônica como representação literária do fragmentário, do ambíguo, do efêmero; como espécie que ao utilizar-se de sua própria maneira de ser alegórica apresenta o presente - que ao ser narrado já é passado - como ruína. (RESENDE, 1993, p.60).

Em outro momento, Beatriz Resende apresenta o confronto sempre inevitável entre Lima Barreto e Machado de Assis, que o antecede na construção de uma narrativa da cidade: “Parece-nos, porém, que a obra de Lima Barreto significa antes uma ruptura consciente e necessária com a prática literária de Machado de Assis, do que um elo entre este e o momento seguinte.” (RESENDE, 1993, p.84)

Como seu objetivo é investigar a questão da cidadania nas crônicas de Lima Barreto, a autora enfatiza o conflito entre a produção de suas crônicas e o universo empresarial dos jornais. A crônica é o espaço de emissão de opinião de Lima Barreto que se refere ao cidadão comum, nos bondes, nos cafés, nas esquinas, trocando idéias.

Os aspectos literários das crônicas de Lima Barreto são apresentados por Beatriz Resende como o uso da ironia; da linguagem que rejeita o ornamental, mas que desenvolve um estilo peculiar; pela introdução de elementos ficcionais e recursos narrativos; pelo humor e pelas metáforas, pela redundância, pelo enigma.

Ao representar a cidade, Lima Barreto o faz de forma bastante apaixonada, revestindo de metáforas a dimensão erótica de seu discurso. A tese da autora pretende inscrever Lima Barreto na tradição da modernidade brasileira, já que em seu tempo convivem o velho e o novo, e a desconfiança num projeto de progresso a qualquer custo. Beatriz Resende afirma:

Neste momento de construção da modernidade, se evidenciam duas possibilidades de utilização da língua: uma de aparato - a dos doutores, a

ser usada publicamente, e outra, popular e cotidiana. Daí a importância da opção por uma dicção próxima do modelo popular do folhetim nos contos e romances de Lima Barreto, dicção que se acentua nas crônicas, buscando aproximar-se dos leitores. (RESENDE, 1993, p.116).

Em suas considerações Beatriz Resende percebe a crônica de Lima Barreto como expressão deste homem das ruas, pintor da vida moderna na grande cidade que é o Rio de Janeiro, valendo-se do jornal - como meio de comunicação de massa, para expor suas idéias. No entanto, esse homem das ruas é enclausurado e no hospício encontra outra forma de expressão que é o reflexo de seu isolamento - os diários.

Entre as crônicas e os diários de Lima Barreto, Beatriz Resende recompõe o pensamento deste autor, evidenciando suas particularidades e apresentando os aspectos de modernidade presentes nos conceitos de cidadania e cultura.

Ao utilizar a crônica como documentação que permite entender o tempo histórico no qual temas como cidadania e modernismo são presentes, a autora não deixa de se atentar para a especificidade da crônica, como discurso que não é somente jornalístico ou literário, mas também histórico.

Em tese de doutorado defendida na USP, Thaís Montenegro Chinellato(1996) procura desenvolver um estudo sistemático do gênero crônica e a importância que se dá nos manuais escolares, de seu uso como texto que estimula a leitura, a prática da redação e dos exercícios gramaticais.

Nesse sentido, a documentação analisada pela autora são os livros de língua portuguesa de 5ª série ao 3º colegial, que a permitiram selecionar um total de mais de 100 crônicas cujos temas mais recorrentes são: criança, escola, família, brasilidade, negritude, morte, apego e metalinguagem.(CHINELLATO, 1996, p.5).

Utilizando como metodologia a análise do discurso, a autora propõe observar a relação entre língua e sociedade, revelando que o discurso é um dos aspectos de materialidade ideológica.

Thaís M. Chinellato considera a crônica como objeto da comunicação caracteristicamente polissêmico, o que implica na necessidade de se recorrer em aparatos teórico-metodológicos de diversas áreas como a semiótica, a estilística, a sóciolinguística, a psicolinguística, a pedagogia, a filosofia, a psicanálise, a teoria da comunicação.

Procurando evitar comportamentos metodologicamente condicionantes, a análise das crônicas foi elaborada partindo de uma flexibilidade. Nas palavras da autora: “Pretendeu-se, pois, rastrear os valores sobre os quais o texto da crônica se constrói, buscando os efeitos de sentido que diferentes normas e universos do discurso produzem.” (CHINELLATO, 1996, p.8).

Alguns aspectos relevantes devem ser destacados nesta tese, como a percepção da autora de que a escrita da crônica no Brasil do século XIX, coincide com o gosto brasileiro pelo deboche e pela malícia.

Nesse sentido, Chinellato considera a crônica um gênero brasileiro por excelência. Tomando as análises de Massaud Moisés, a autora considera que a crônica se afasta do sentido que lhe atribuíram os franceses, encontrando sua naturalização e cidadania no Rio de Janeiro.

Sobre outros aspectos a autora considera ainda:

Da economia de espaço, como matéria jornalística, resulta a concisão da crônica; dos coloquialismos e chistes da linguagem oral decorre a simplicidade dialógica entre o leitor e o cronista, flagrando um instante particular, irrisório ou inusitado. No seu valor literário e jornalístico cruzam-se as seis funções da linguagem, sobretudo a poética e a emotiva, urdindo o circunstancial, o dialógico, o lírico, o reflexivo e o humorístico. (CHINELLATO, 1996, p.85).

Abordando então a dimensão da oralidade da crônica e seu aspecto humorístico, a autora ressalta ainda que a distinção entre a matéria jornalística e a crônica se dá principalmente através da função poética, onde o subjetivismo faz uso corrente do recurso metafórico.

Partindo desses pressupostos, a autora apresenta uma seleção de crônicas retiradas dos manuais escolares e as analisa, procurando mostrar as múltiplas possibilidades de se estudar a crônica.

Podemos ainda remetermo-nos ao trabalho de Silvia Helena S. Borelli (1996) sobre literatura e cultura de massa no Brasil, no qual a autora dedica-se a refletir sobre o significado da literatura e o que se convencionou não-literatura, situando as contraposições entre erudito, popular e massa.

O objeto de estudo da autora são as obras e a trajetória de Marcos Rey, que produziu crônicas, contos, romances, ensaios, livros infantis, filmes, séries, telenovelas e miniséries. A proposição teórico-metodológica da autora pauta-se por ir do objeto à teoria e da teoria ao objeto, o que é denominado pelos antropólogos de *referência etnográfica*.

As reflexões teóricas provêm das mais diversas origens: antropologia, sociologia, história, filosofia, crítica literária, teoria da comunicação e da cultura de massa, recusando a departamentalização.

Ao iniciar suas reflexões, Borelli cita Paul Zumthor, afirmando que uma das primeiras dicotomias do campo literário manifesta-se na dissociação entre cultura letrada e não letrada, entre oralidade e escritura. Essas dissociações serão tratadas com maior ênfase pelos teóricos quando então se tratar de produções literárias elaboradas no contexto da indústria cultural. Borelli observa:

A produção literária fabricada no interior dos jornais é assim incorporada pelas regras do mercado editorial, mas distancia-se, no jogo das distinções, de outras manifestações legitimadas pela crítica cultural, que considera as crônicas, por exemplo, superficiais, sem densidade literária.(BORELLI, 1996, p.41).

A contribuição da reflexão da autora está em enfrentar uma problemática que é conhecer as particularidades destas literaturas, que têm denominações indistintas como: paraliteratura, contraliteratura, literatura trivial, literatura de entretenimento, dentre outras.

A autora dedica dois capítulos de seu trabalho à crônica. Borelli a localiza no espaço do jornal chamado no século XIX de folhetim. Esclarece que o termo folhetim diz respeito, de forma genérica, ao espaço no jornal ou revista de uma sessão de variedades, Borelli acrescenta que a crônica, ou o romance-folhetim são alternativas de preenchimento desse espaço.

Não permanecendo como forma de expressão significativa no campo literário, o folhetim migra para outros meios, como para o rádio, na forma de radionovelas; para os gibis, na forma de quadrinhos; e se fixa na televisão no espaço das telenovelas e minisséries. Mas esclarece: “A crônica e os cronistas permanecem fiéis ao gênero sem nunca terem deixado de comparecer, ocupando durante mais de um século, seu espaço no jornalismo brasileiro.”(BORELLI, 1996, p.62).

Ao considerar os questionamentos sobre a crônica como equivocados, a autora assim os cita: “a crônica é texto literário, ou comentário jornalístico? É cultura ou indústria? É literatura popular? É produto da cultura de massa? Guarda referências eruditas?” (BORELLI, 1996, p.62)

No capítulo *Crônicas, cronistas, narradores, narrativas*, a autora referencia-se em Walter Benjamin considera o cronista moderno como narrador da história escrita, que restaura o passado no presente. A partir de sua própria experiência, o narrador retira o sentido factual e imaginário da narrativa. Por outro lado, o ouvinte incorpora, por meio de troca recíproca, a experiência das coisas narradas. Nas palavras de Borelli: “O objetivo é ensinar, orientar práticas, doar conselhos. O narrador, personagem sábio e conhecedor deste e de outros mundos, oferece aos ouvintes a experiência enraizada na tradição, cotidiano e na memória coletiva de um povo.”(BORELLI, 1996, p. 63)

Nesse sentido, a crônica é para a autora, forma de memória escrita, que fica impressa e arquivada. Por este raciocínio, o cronista é também historiador, já que interpreta e recria com certa imaginação, um fato e o narra.

O ato de escrever crônicas é, concomitantemente, um ato de lembrar. Faz-se de novo do cronista historiador e do historiador cronista. São lembranças pessoais e familiares, resultantes da articulação entre memória coletiva e memória individual.(BORELLI, 1996, p.69)

A dimensão temporal da crônica, enfatizada pela autora, é, no entanto, marcada pela transitoriedade e instantaneidade, que pode ser entendida de acordo com Bachelard, como instante poético. A crônica caracteriza-se também por articular espaços do cotidiano à ficcionalidade. Disso decorre o que se pode conceituar como *poetização do cotidiano*.

Outras especificidades da crônica revelam-se na articulação entre diferentes gêneros, o que aparece, em alguns autores, como conflito.

O cronista reaparece como o colecionador que caminha na contramão da história ou em direção à construção de outra história. Frente às instantaneidades, simultaneidades, e fugacidades da vida moderna, busca resgatar o significado originário de sua escritura: a crônica como *chronikós*, como expressão do tempo da

permanência, duração, acontecimentos ordenados em sequência cronológica. (BORELLI, 1996, p.78).

Outra questão apontada por Borelli refere-se à obrigação de *cronicar*, de criar algo novo num curto espaço de tempo, o que remete à discussão sobre a relação entre imprensa e literatura. A crônica apresenta-se, pois, no limite entre os valores subjetivos do discurso poético e a eficiência, a rapidez do desenvolvimento tecnológico da indústria cultural. Pondera ainda a autora:

a oposição entre imprensa e literatura revela a existência de falsa, porém sempre presente, dicotomia na relação entre produtos culturais de extração culta e erudita e produtos culturais originários da produção industrializada de cultura, denominada pelos críticos culturais como cultura padronizada, vulgarizada, popularesca. Retoma-se, pela crônica, a segmentação entre cultura de massa, cultura erudita e cultura popular. (BORELLI, 1996, p. 81)

Borelli remete-nos à questão central que envolve a produção da crônica e se interroga sobre quem define as fronteiras. Esta definição exila do campo literário cronistas/escritores, pelo fato de estarem vinculados ao mercado. Borelli, de forma convincente e sensata, assim define o cronista:

Os cronistas, como narradores modernos, ou pós-modernos, resgatam com sua escritura tradições e matrizes culturais originárias. Na crônica, tradições e rupturas, articuladas, tornam-se visíveis e falam, pela voz do cronista, historiador, intérprete, contador de histórias na modernidade. Responsável por variados ofícios, o escritor apresenta-se como alguém comprometido com procedimentos da escritura, veracidade e ficcionalidade contidas no imaginário individual e coletivo. (BORELLI, 1996, p. 84)

Diante dessas considerações, Borelli não descarta, mas ao contrário, reafirma a importância da crônica, desmistificando falsas questões, que trazem em seu conteúdo, preconceitos e pré-concepções sobre a literatura e suas possibilidades criativas e dinâmicas, dialogando com o tempo e as possibilidades estéticas e técnicas que estão ao seu dispor e se abrem ao diálogo.

Se nos defrontamos aqui com estudos que privilegiam a crônica como fonte documental para jornalistas, linguistas, cientistas sociais, críticos literários, propomos agora observar qual o tratamento dado por historiadores à essa fonte que é a crônica jornalística.

Um dos historiadores brasileiros que trata da questão da literatura como documento é Nicolau Sevcenko. Suas reflexões sobre o uso da literatura na pesquisa histórica representam um grande passo na proposta interdisciplinar.



No livro *Literatura como Missão* Sevcenko aponta para o reconhecimento da importância da linguagem no centro de toda a atividade humana, mas afirma também, ser esse um de seus principais limites.

Ao enfatizar a importância do discurso, partindo da referência de M.Foucault, Sevcenko afirma: “A palavra organizada em discurso incorpora em si, desse modo, toda sorte de hierarquia e enquadramentos de valor intrínsecos às estruturas sociais de que emanam.” (SEVCENKO, 1985, p.20).

Sevcenko interessa-se, especialmente, pela produção discursiva da literatura moderna. Afirmando a interdependência entre os estudos literários e as ciências sociais, esse autor preocupa-se com as exigências metodológicas desse tipo de pesquisa: “que se preserve toda a riqueza estética comunicativa do texto literário, cuidando igualmente para que a produção discursiva não perca o conjunto de significados condensados na sua dimensão social.” (SEVCENKO, 1985, p.21)

Estabelecendo as peculiaridades do estudo da literatura numa pesquisa historiográfica, Sevcenko enfatiza que a enquanto a historiografia procura o ser das estruturas sociais, a literatura, por outro lado, revela uma expectativa do vir a ser. A partir de Aristóteles, Sevcenko diferencia o historiador do escritor, ponderando: “Ocupa-se, portanto, o historiador da realidade, enquanto que o escritor é atraído pela possibilidade. Eis aí, pois, uma diferença crucial, a ser devidamente considerada pelo historiador que se serve do material literário.” (SEVCENKO, 1985, p.21).

Citando Roland Barthes, Sevcenko situa o escritor diante da história encarando-a como o “advento de uma opção necessária entre várias morais da linguagem; ela o obriga a significar a literatura”. (BARTHES apud SEVCENKO, 1985, p.21).

Para Sevcenko a literatura é o testemunho dos homens que foram vencidos pelo fato, é a história que não ocorreu, os planos que não foram concretizados, mais ainda, podemos complementar, também aqueles que se realizaram. Ao estudar as duas primeiras décadas deste século, esse historiador retrata as nítidas intenções sociais na produção literária ligadas ao realismo.

Destacando as obras de Lima Barreto e Euclides da Cunha, Sevcenko, através da imprensa periódica – jornais, magazines, crônicas, biografias e opúsculos, apresenta como cada um desses autores sintetizaram as alternativas possíveis pelas quais lutaram. Os *chamados homens de letras* transformam-se em *escritores-cidadãos* revelando uma postura de engajamento político.

Sevcenko sentencia que com relação às décadas em torno da transição do século XIX para o século XX, pode-se observar mudanças drásticas na vida brasileira em seus mais diversos setores:

Mudanças que foram registradas pela literatura, mas sobretudo mudanças que se transformaram em literatura. Os fenômenos históricos se reproduziram no campo das letras, insinuando modos originais de observar, sentir, compreender, nomear e exprimir. (SEVCENKO, 1985, p.237).

Sevcenko enfatiza que os textos artísticos são um termômetro da mudança de sensibilidade e mentalidade de uma determinada sociedade, reconhecendo e reafirmando a importância do estudo da literatura pelos historiadores.

Em outro livro mais recente *Orfeu Extático na Metrópole* (1992) Sevcenko dá continuidade ao exercício de observar e elaborar o conhecimento histórico através da literatura. Seu objetivo é estudar a urbanização de São Paulo e, através desse processo, compreender as alterações culturais e sociais do início do século naquela cidade. De acordo com Maria Odila da Silva Dias que escreve o prefácio:

este livro procura reconstruir diferentes aspectos da ruptura com o mundo da ordem estabelecida do século passado, e interpretar em múltiplas temporalidades e diversos níveis de experiência as dimensões do fenômeno da urbanização através de um esforço amplo de crítica da vida cotidiana e da cultura, tanto em relação às experiências criativas com a forma na poesia, no cinema, nas artes plásticas, quanto no próprio modo de a publicidade jogar com a febre do *novo* e do *moderno*. (DIAS, 1992, p.XVIII).

Ao analisar e confrontar as crônicas de jornalistas que se denominam S. e P., Sevcenko revela a nova sensibilidade com que vai se definindo a cidade de São Paulo. Conforme suas palavras:

Assim, se a reação defensiva de S. se manifesta na busca de uma supra-identidade de base emocional, a de P. implica o encontro de um supra-estranhamento capaz de desencadear sobressaltos intuitivos. Em ambos os casos o mundo da razão, da palavra, da consciência, oriundo da traição neoclássica, científica e liberal do século XIX, já não trazia respostas em seu vocábulo assentado sobre estabilidades que dessem conta de representar a nova ordem turbilhonante das coisas. O vácuo deixado pela consciência instila uma nova linguagem que articula diretamente os sentidos: uma linguagem imponente, irresistível, inefável, insidiosa – a ação ritualizada – quer para ser enunciada como celebração coletiva, quer para ser sorvida como um sermão sensorial: o espetáculo. As reações variantes de S. e P. são, pois, o verso e o reverso da mesma atitude: o estranhamento total e apenas o lado escuro da identidade unívoca. (SEVCENKO, 1992, p.31-32).

Mas Sevcenko não resume sua fonte documental às crônicas sociais, mas também às colunas esportivas, aos artigos de fundo, aos editoriais, não mostrando, necessariamente, a diferenciação entre esses estilos, e práticas de escrita que se encontram num mesmo suporte que é o jornal, mas que, como sabemos, guardam também especificidades.

Na realidade, Sevcenko aponta a interpenetração desses diversos estilos, como na referência: “A continuação desse editorial em forma de crônica e ainda mais reveladora, particularmente no seu irônico movimento conclusivo.” (SEVCENKO, 1992, p.60)

Esse livro de Sevcenko é uma importante referência metodológica ao historiador interessado na utilização da fonte jornalística já que partindo de uma preocupação temática, o autor recorre aos mais diversos espaços do jornal, permitindo realçar sua dimensão literária ao enfatizá-la.

Em nossa pesquisa sobre Lycídio Paes<sup>i</sup> procuramos aprender com outras áreas do conhecimento observar o objeto, tomando o necessário cuidado para não perdê-lo num infinito de referências que tendem a diluí-lo. Desta forma, utilizamos a Semiótica da Cultura para analisar nosso objeto de pesquisa, que são as crônicas publicadas em jornais mineiros pelo cronista Lycídio Paes.

Walter Benjamin chamava atenção para o fato de que o jornal é o suporte em que linguagem e escrita, incisivamente, encontram-se:

essa dimensão mágica, se se quiser - da linguagem e da escrita não se desenvolve isolada da outra dimensão, a semiótica. Todos os elementos miméticos da linguagem constituem uma intenção fundada, isto é, eles só podem vir a luz sobre um fundamento que lhes é estranho, e esse fundamento não é outro que a dimensão semiótica e comunicativa da linguagem. (BENJAMIN, 1985:12)

A Semiótica da Cultura oferece-nos, como ponto de partida, a possibilidade de entender a crônica, escrita no jornal, como um *texto cultural*,<sup>ii</sup> no qual o que interessa não é somente o signo, mas a textura. Esse dado implica não apenas analisar o conteúdo das crônicas como expressão de uma temática, mas observar também a própria forma, revelando especificidades que dialogam com o espaço e com outras formas textuais presentes nesse lugar de produção que é o jornal, e mesmo, fora dele.

## II

Ao abordar essas recentes pesquisas que enfocam a crônica, problematizando-a em seu conteúdo e forma, apresentando possibilidades de abordagens teórico-metodológicas, nosso objetivo é mostrar que diversos caminhos de pesquisa se propõem e apresentam, cada qual a seu modo, a multiplicidade de referências sobre a crônica como objeto de estudo. Pretendemos aqui ponderar sobre os aspectos gerais destes trabalhos.

Em Wellington Pereira temos a preocupação com a especificidade da crônica, que não pode de acordo com seu ponto de vista, ser considerada jornalística e ou literária, mas possui um estilo próprio, como demonstra através das análises que faz sobre Machado de Assis e Drummond.

Beatriz Rezende apresenta de forma minuciosa a crônica como narrativa histórica, que se revela como *alegoria* e permite investigar temas caros ao nosso século, que são a questão da cidadania e da cultura.

No trabalho de Chinellato encontramos uma relevante preocupação com a utilização da crônica na educação, o que a permite realizar, através de análises sucintas, leituras que possibilitam revelar o potencial didático e formador da crônica.

Observamos que Machado de Assis, Lima Barreto, Carlos Drummond de Andrade são as referências mais correntes destas pesquisas. Exetquando-se Marcos Rey, todos os autores

citados são consagrados pela crítica especializada e apresentam um trânsito profícuo pela literatura.

Borelli em sua opção paradigmática não aceita realmente os cânones e propõe estudar um cronista contemporâneo, não necessariamente apreciado pela crítica, mas potencialmente um grande sucesso de mercado. Buscando rever essa relação entre mercado e produção cultural Borelli opõe-se a limites simplificadores.

Em nossa pesquisa não se trata de um caso, nem de outro. Na verdade Lycídio Paes não é um escritor ou cronista famoso, nem fez sucesso no mercado editorial. Ao partir dos diversos estudos até aqui apontados, podemos considerar que a crônica não é somente plural na sua constituição, ou no seu “escrever-se”, mas também nas análises que dela se fazem. Compreendemos, por fim que as diversas leituras aqui apresentadas, formam uma espécie de tapeçaria sob a qual se apresenta a crônica, objeto de diversas e ricas interpretações sobre a sociedade contemporânea, permitindo compreender a feliz articulação entre história e cotidiano, entre o efêmero e o duradouro.

### Referências Bibliográficas:

- BAITELLO Jr., Norval. *O Animal que parou os relógios*. São Paulo: Annablume, 1997
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*. Magia e Técnica, arte e política. Vol.1, Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BORELLI, Silvia Helena Simões. *Ação, suspense, emoção*. São Paulo: Educ/Fapesp, 1996
- CHINELLATO, Thaís Montenegro. *Crônica e Ideologia* - contribuições para leituras possíveis. São Paulo: Tese de Doutorado, USP, Curso de Lingüística e Semiótica, 1996.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- MORIN, Edgar. *O método*. Vol. IV. Trad. Emílio Campos Lima. Lisboa: Europa-América, 1992
- PEREIRA, Wellington, *Crônica: arte do útil ou do fútil*. (ensaio sobre a crônica no jornalismo impresso). João Pessoa: Idéia, 1994.
- RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em Fragmentos*. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ/ Campinas: Ed. Unicamp, 1993.
- SANTOS, Regma Maria dos. *Memórias de um plumitivo: impressões cotidianas e história nas crônicas de Lycídio Paes*.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Orfeu Extático na Metrópole*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

<sup>i</sup> Sobre esse autor organizamos o livro “Brevidades – crônicas de Lycídio Paes, publicado pela EDUC/Oficina do Livro de São Paulo e ainda o livro “Memórias de um plumitivo: impressões cotidianas e história nas crônicas de Lycídio Paes.”Uberlândia: Aspectus/FUNAPE, 2005.

<sup>ii</sup> De acordo com Norval Baitello Jr., o *texto da cultura* se constrói “na operação interativa entre seus componentes subtextuais, no diálogo entre signos e dos signos com seu próprio percurso histórico”. ( BAITELLO JR.1997, p. 42)

---